

MONUMENTA IPHAN Ministério da Cultura BRASIL UM PAÍS DE TODOS GOVERNO FEDERAL

CHAPADA DIAMANTINA- LENÇÓIS

11

SÉRIE PRESERVAÇÃO E DESENVOLVIMENTO MONUMENTA



CHAPADA DIAMANTINA

LENÇÓIS - BA | 11

Série Preservação e Desenvolvimento
MONUMENTA

CHAPADA DIAMANTINA

LENÇÓIS - BA | **11**

Créditos

Presidente da República do Brasil
Luiz Inácio Lula da Silva

Ministro de Estado da Cultura
Gilberto Passos Gil Moreira

Presidente do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
Coordenador Nacional do Programa Monumenta
Luiz Fernando de Almeida

Coordenação editorial
Sylvia Maria Braga

Edição
Caroline Soudant

Redação e pesquisa
Rogério Furtado

Revisão e preparação
Denise Costa Felipe

Design
Cristiane Dias

Diagramação
Ceci Mendes Garcia / Ronald Neri

Fotos
Arquivo Monumenta/Arquivo Iphan
Arquivo Cristiane Dias

R484 Ribeira dos Icós – Icó - CE.
Brasília, DF: IPHAN / Programa Monumenta, 2008.
80 p. : il. ; 15 cm. – (Preservação e Desenvolvimento; 10)

ISBN 978-85-7334-079-2

1.Icó - CE. 2. Educação Patrimonial. 3. Patrimônio Histórico – Icó. 4. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. 5. Programa Monumenta. I. Série.

CDD 981.31

CHAPADA DIAMANTINA

LENÇÓIS - BA | **11**



Apresentação

Este pequeno livro pertence à série Preservação e Desenvolvimento, uma coleção de registro das experiências desenvolvidas pelo Programa Monumenta na área da promoção de atividades econômicas, de educação patrimonial, de formação profissional e de capacitação.

Na qualidade de programa do Ministério da Cultura para a recuperação sustentável do patrimônio histórico brasileiro, o Monumenta se propõe a atacar as causas da degradação de sítios históricos e conjuntos urbanos tombados e a elevar a qualidade de vida das comunidades envolvidas.

Assim, muitas das ações propostas no âmbito do Programa, com apoio de estados e municípios, vêm permitindo a essas comunidades descobrir o patrimônio cultural como fonte de conhecimento e de rentabilidade financeira, como meio, portanto, de inclusão social.

Esse novo conceito de preservação transformou alguns dos sítios beneficiados em pólos de atividades culturais, turísticas e de geração de empregos, garantindo ao mesmo tempo a conservação sustentada de nosso patrimônio e melhores condições de vida para quem trabalha ou vive ali.

É uma dessas experiências que você vai conhecer agora.



Introdução

Ao menos na fase inicial, a história das cidades históricas nascidas de garimpos foi muito semelhante no Brasil. Primeiro, a comoção provocada pelo anúncio da descoberta de ouro ou de pedras preciosas empurrava levas de faiscadores e de donos de escravaria para os sertões. Esses pioneiros se instalavam da melhor maneira possível, nas proximidades das jazidas. As construções vinham em seguida, formando povoados, a uma velocidade extraordinária. E logo o casario eliminava os espaços vazios entre os primitivos núcleos de ocupação. Depois, o esgotamento das minas continha a expansão urbana e fazia cair vertiginosamente a taxa de crescimento econômico. Foi também o que aconteceu em Lençóis, cidade da Chapada Diamantina, no interior da Bahia. De toda forma, como em outras localidades, parte da riqueza ali apurada nos bons tempos de garimpagem cristalizou-se em monumentos – igrejas, prédios públicos e residências suntuosas de antigos oligarcas, entre outras edificações. Hoje, após mais de um século de relativa estagnação da cidade, esse patrimônio é uma das peças fundamentais da estratégia com que Lençóis procura atrair visitantes do Brasil e de outros países.

Incentivar o turismo tem sido uma boa opção para os sítios históricos. Como é sabido, o deslocamento e a estada dos viajantes requerem uma série de

serviços de apoio, em atividades que empregam muita gente. Crescendo o movimento turístico, a renda das populações e das municipalidades tende a aumentar na mesma proporção. Com recursos em caixa, as administrações locais podem investir na manutenção do patrimônio. Contribuir para que as cidades históricas alcancem a sustentabilidade sob esse aspecto é um dos objetivos centrais do Programa Monumenta/Iphan, criado pelo governo brasileiro, em colaboração com o Banco Interamericano de Desenvolvimento e a Unesco. O Programa, além de recuperar o patrimônio histórico nacional, financia vasta gama de projetos de qualificação de mão-de-obra para a restauração de monumentos e obras de arte, produção artesanal, atividades culturais e turísticas.

Em Lençóis, o Monumenta investiu o total de R$ 8,23 milhões. Trata-se de um dos maiores contratos assinados com as prefeituras conveniadas e a maior parte dos recursos se destinou à restauração de edifícios históricos, vias públicas e monumentos, como os prédios da Prefeitura, da Biblioteca e do Arquivo Público, a ponte sobre o Rio Lençóis, a Avenida Nosso Senhor dos Passos e a igreja de Nossa Senhora do Rosário. Além disso, R$ 2,68 milhões estão sendo aplicados na recuperação de imóveis privados. O Programa também apoiou a formação de jovens artesãos e de guias turísticos, segundo



projeto executado por uma ONG local. Com a participação dos alunos, essas entidades organizaram roteiros de turismo de base comunitária. Trata-se de nova modalidade de turismo, praticado por pessoas interessadas em conhecer de perto a vivência e a cultura das populações dos locais que visitam. No caso de Lençóis, um dos pontos fortes das comunidades está na cultura de tradição oral, que é exatamente um dos itens do patrimônio imaterial que o Programa Monumenta tem procurado valorizar e preservar.



Trilhas de solidariedade



Trilhas de solidariedade

Notícias sobre a descoberta de diamantes no interior da Bahia sacudiram a província por volta de 1840. Da noite para o dia, um colar de acampamentos de garimpeiros se formou nas bordas do território que depois seria batizado de Chapada Diamantina. Nascida de um desses arraiais, a cidade de Lençóis, que fica a pouco mais de 400 quilômetros a oeste de Salvador, não demorou a brilhar como centro comercial e de lavra. Brilho fugaz. Os veios mais ricos esgotaram-se cerca de 25 anos depois de estalar a corrida ao eldorado. E a economia local entrou em vagaroso declínio. O que não impediu Lençóis de reter fatia apreciável da riqueza arquitetônica acumulada nos tempos de fartura – casas, igrejas e outras relíquias. Devido a esse patrimônio edificado e aos atrativos da Chapada Diamantina, a cidade ingressou nos roteiros turísticos em passado recente. Agora, durante o ano todo, brasileiros e estrangeiros passeiam pela área urbana e percorrem as veredas que recortam a Chapada, enquanto ajuntam fotografias, suvenires e experiências para contar.

A entrada de Lençóis na rota do turismo lhe trouxe dinheiro e certa projeção. Mas não teve o poder de eliminar a pobreza. Em 2000, quase

metade da população de 10 mil habitantes vivia com renda familiar inferior a meio salário mínimo por mês. Além disso, o turista comum não costuma mergulhar no cotidiano da cidade, e também não convive com os moradores da zona rural. Assim, deixa de ter contato com uma cultura de tradição oral muito rica. Por enquanto, esse é um filão explorado só por quem aderiu ao turismo de base comunitária, que segue os princípios do chamado comércio justo (*Fair Trade*). A nova categoria de viajantes, a exemplo dos turistas convencionais, se interessa por espetáculos oferecidos pela natureza e por monumentos arquitetônicos, mas se desloca, sobretudo, para ver de perto e colaborar com trabalhos relevantes no campo social, realizados por pessoas, individualmente, ou por entidades.

Em Lençóis as atenções se voltam para a Grãos de Luz e Griô, organização não-governamental que tem sido bem-sucedida em suas experiências de educação e cultura oral e de turismo de base comunitária, realizadas em estreita colaboração com o Projeto Bagagem, ONG paulistana experiente nesse ramo. As duas entidades vêm encontrando bons aliados. Um deles é o Ministério da Cultura, por meio dos programas Cultura Viva e Monumenta. As ações do Cultura Viva se destinam a incentivar a arte, a cultura, a cidadania e a economia solidária. O Monumenta, instituído pelo MinC

com financiamento do Banco Interamericano de Desenvolvimento e apoio técnico da Unesco, além de financiar a recuperação do patrimônio histórico brasileiro, investe em projetos que permitam a utilização sustentável desses bens. Uma das vias que vem utilizando é o turismo de cunho cultural. Como é sabido, enquanto atrativo turístico, o patrimônio gera receitas. E parte delas deve ser destinada à manutenção permanente dos próprios sítios e monumentos históricos que lhes deram origem.

O Cultura Viva e o Monumenta injetaram recursos na formação de jovens artesãos, griôs aprendizes e guias turísticos em Lençóis, de acordo com projeto executado pela parceria entre a Grãos de Luz e Griô e o Projeto Bagagem. Com a participação dos estudantes em caminhadas com o Velho Griô, as ONGs organizaram quatro trilhas ou roteiros de turismo de base comunitária – cada uma enfocando um tema da cultura de tradição oral lençoense. Três das trilhas conduzem os viajantes até núcleos habitados pela população rural. A quarta é a



trilha do garimpo, localizada no perímetro urbano, criada para lembrar o percurso dos caçadores de diamantes no decorrer de quase dois séculos.

A montagem dos roteiros, no primeiro semestre de 2006, custou alguns meses de trabalho conjunto aos participantes: ONGs, comunidades interessadas e jovens guias da Grãos de Luz e Griô. Era preciso elaborar orçamentos, pesquisar preços e criar material de divulgação, entre outras providências. Os turistas desde o início puderam escolher a programação que mais lhes conviesse: ficar uma semana percorrendo várias trilhas ou apenas o tempo necessário para conhecer uma delas. Foi possível também combinar as opções do turismo comunitário com as oferecidas por agências de viagens. Entre julho de 2006 e setembro de 2007, 17 grupos de visitantes – cerca de 200 pessoas – caminharam pelas trilhas de Lençóis. De acordo com Cecília Zanotti, presidente da ONG Projeto Bagagem, 52% da receita arrecadada ficou com os guias e as comunidades. Um pouco menos de 10% cobriu despesas do Projeto Bagagem. O saldo foi gasto com os pagamentos de gêneros ou serviços oferecidos por terceiros – transporte, por exemplo. "Tentamos ao máximo contratar fornecedores locais, para que também possam ser beneficiados pela atividade", diz Cecília.

Trilhas Griôs

Turismo de Base Comunitária

Trilha Griô do Quilombo



Trilha Griô do Quilombo - 2 dias

Dia 1

Saída do Grêmio da Luz e Griô para comunidade do Remanso
Contagem regressiva de versos e cantigas de roda com poesia do Grêmio da Luz e Griô e moradores da comunidade
Visita à casa de Pedagoga Griô, na frente da casa do Sr. Adonias, mestre sanfoneiro da comunidade do Remanso
Visita à casa de farinha
Almoço nas casas da comunidade e arredores
Atividade de convivência com a família enfeitar durante a tarde
Noite cultural com forró da comunidade e integração comunidade e visitantes
Pernoite nas pousadas domiciliares

Dia 2

Passeio na mata e produção de remédio com Dona Judith na Dona Agomar, moradora das ervas medicinais
Visita à produção de mel da comunidade
Almoço nas pousadas domiciliares
Atividade à tarde com as famílias
Passeio de canoa no Marambaia
Retorno para Lençóis

Trilha Griô das Ciências Tradicionais



Trilha Griô das Ciências Tradicionais e Quilombo - 2 dias

Vivência no Grêmio da Luz e Griô
Trabalho para comunidade da tuia
Roda de conversa sobre o Griô Dona Jussa passeio, sobre o clima do parque nacional
Caminhada na comunidade e trajeto para a comunidade do Remanso para pernoite a Trilha Griô do Quilombo
Obs. Esta trilha é realizada somente seguida de Trilha Griô do Quilombo

Trilha Griô do Garimpo



Trilha Griô do Garimpo - 1 dia das 9:00h as 15:00h

Vivência com os griôs, dicas, histórias e mitos sobre o Garimpo no Grêmio da Luz e Griô
Visita ao Museu do Seu Cipó, garimpeiro que retratou os garimpos em sua vida e uma exibição de garimpo manual via alambique
Visita ao Sertorio e roda de garimpeiro/griô via dicas, histórias e causos de lá

Trilha Griô da Afrodescendência



Trilha Griô da Afrodescendência - 2 dias

Dia 1

Trabalho para comunidade de Capoeira Remanso (do barracão de compra, Bairro de Ita no Negra de Rio Capoeira. Almoço e descanso.
Visita à casa Palácio de Cipó e Cabeça Boa Tarde para conhecer a história do Seu Cipó, garimpeiro da Chapada Diamantina e a história do Pedra de Lazo. Importante Pé do Santo de Lençóis. Passeio pela região e pernoite nas famílias e no Palácio de Cipó.

Dia 2

Caminhada para Cachoeira do Rio Capoeira
Almoço
Retorno para Lençóis

Em julho de 2007, uma ONG espanhola trouxe associados a Lençóis. Foram os primeiros europeus a experimentar o turismo alternativo no município. Sua vinda gerou expectativas otimistas quanto ao aumento do fluxo turístico para o médio e longo prazos. Cecília diz que há grande número de estrangeiros inte-ressados em viajar nessas condições – um tipo de turismo que se desenvolve também na África e na América Latina: "A Bolívia já tem uma política de turismo comunitário. No Brasil existem uns 20 projetos implantados. O mais importante nesses projetos é a criação de uma



verdadeira cadeia de valor em benefício das populações locais. E não se trata só de dinheiro. É também uma questão de valorização cultural. De elevação da auto-estima das pessoas e de reconhecimento do seu modo de vida. Os habitantes das comunidades não precisam mudar para receber turistas, pois devem se apresentar a eles exatamente como são. O turista conta com isso, pois não é um visitante qualquer. É alguém que abre mão do conforto e do luxo para ter contato verdadeiro com esse lado do Brasil".

Em Lençóis, o turismo de base comunitária puxa as vendas de produtos artesanais das comunidades e das diversas oficinas da Grãos de Luz e Griô. São objetos confeccionados com papel reciclado e retalhos de tecidos. De forma indireta, o turismo também gera demanda por serviços que os jovens associados da ONG proporcionam, como artes gráficas, aulas-espetáculo e vivências, conforme Líllian Pacheco, coordenadora da entidade. "Temos uma economia comunitária. O turista, quando compra a trilha, compra todos os nossos produtos junto, e caminha para conhecer a cultura tradicional". As pessoas envolvidas com o turismo – visitantes, guias e membros das comunidades – avaliam regularmente as trilhas, a evolução do montante de recursos arrecadados, e como o dinheiro é investido. Várias se tornam parceiras do projeto.



Com brilho próprio



Com brilho próprio

A história da Grãos de Luz e Griô começou em 1993, quando algumas pessoas se uniram para oferecer sopa às crianças do Alto da Estrela, bairro do entorno de Lençóis. O grupo também se preocupou em realizar algumas oficinas de arte destinadas ao público infantil, que assim poderia ocupar o tempo de forma lúdica e atraente. Uma horta comunitária também surgia no bairro naquela ocasião. Mais adiante, alguém sugeriu aglutinar essas iniciativas no projeto denominado Grãos de Luz, para a educação de crianças e adolescentes, que logo recebeu apoio de estrangeiros e de brasileiros residentes no exterior. O projeto daria um salto de qualidade em 1997, ao incorporar a educadora Líllian Pacheco. Baiana de Jacobina, Líllian estudou em Salvador, trabalhando em projetos de educação a partir dos 16 anos de idade. Em seguida, aderiu à educação biocêntrica, que passou a pesquisar para depois propor e realizar cursos de extensão em universidades.

No entanto, inquieta, pretendia retornar ao interior do estado e desenvolver um projeto mais amplo. Foi o que fez em Lençóis, com a criação da pedagogia griô, o instrumento que prossegue aperfeiçoando para "semear educação e tradição oral fortalecedora da identidade das crianças, adolescentes e jovens

brasileiros para a celebração da vida". A pedagogia griô é um amálgama de conceitos de diversas escolas, como a de Paulo Freire e a já citada educação biocêntrica, do chileno Rolando Toro Arañeda. A pedagogia griô se baseia ainda na cultura oral da população lençoense e foi inspirada pela prática dos griôs africanos – cantadores, poetas e contadores de histórias itinerantes do noroeste da África. Caminhando de aldeia em aldeia, os griôs narram lutas e glórias dos diversos povos. São, portanto, guardiões da memória dessas comunidades de tradição oral.

Importada da África, a figura do griô foi encarnada primeiro por Márcio Caíres, companheiro de Líllian. Márcio iniciou as caminhadas entre as comunidades, colhendo experiências de vida dos habitantes, além de informações sobre mitos, festas, saberes etc. Das andanças desse "Velho Griô" é que surgiriam mais tarde as trilhas do turismo de base comunitária. Ao mesmo tempo, Líllian organizava a equipe de educadores da Grãos de Luz para desenvolver a pedagogia griô, que utiliza muitos recursos. Entre eles as caminhadas, vivências, espaços de criação coletiva, artesanato, aulas-espetáculo, danças, "contação" de histórias e, principalmente, "rodas", em que as pessoas participam formando círculos para diversas atividades. E não demorou para que o trabalho realizado em Lençóis repercutisse em todo

o país: enquanto Ponto de Cultura do Programa Cultura Viva, a Grãos de Luz e Griô estimulou o MinC a implementar uma política de valorização da tradição oral no Brasil, por meio da Ação Griô Nacional, que se desenvolve desde 2006.





Assim, a Grãos de Luz e Griô mexeu com a vida de muita gente, inclusive com a de Cecília Zanotti, presidente do Projeto Bagagem. Essa ONG surgiu em 2002 como resultado das experiências da própria Cecília e de Mônica Barroso, sua colega numa faculdade de administração de empresas, em São Paulo. Depois da formatura, elas trabalharam em organizações da área de educação. Aos poucos se convenceram de que o ideal seria ter um projeto próprio para contribuir com ONGs conhecidas por sua seriedade e eficiência, mas que encontram dificuldade para gerar recursos e sustentabilidade, tornando-se muito dependentes dos financiadores.

Criar alguma coisa que pudesse ser vendida lhes pareceu a saída óbvia. E daí chegaram à conclusão de que o produto deveria ser um serviço, pois haveria mais facilidade de encontrar mão-de-obra, e o investimento poderia ser baixo. Por que não arranjar uma viagem onde qualquer pessoa, em férias, passasse uma semana em uma comunidade organizada, que conta com o apoio de uma ONG? Seria uma oportunidade do viajante conhecer o modo de vida tradicional em algum recanto do país, em meio à população e, ao mesmo tempo, descobrir soluções para problemas sociais. Uma viagem com tais características também seria útil para as pessoas entenderem melhor o universo das organizações não-governamentais que

levam adiante projetos interessantes nas áreas de educação, cultura e meio ambiente, por exemplo.

Em 2002, elas fizeram a primeira viagem, com sete pessoas. Foram conhecer comunidades ribeirinhas onde atua o Projeto Saúde e Alegria, em Santarém, no estado do Pará, desde 1987. Durante uma semana, o grupo conviveu com os ribeirinhos, viajou de barco, dormiu em rede, comeu peixe e farinha de mandioca. A experiência foi muito estimulante



porque, ao final de uma semana, viajantes e comunidades avaliaram os resultados como excelentes, recomendando enfaticamente às duas sócias que continuassem a fazer o trabalho, que não poderia parar. Seguiram-se viagens bem-sucedidas a vários destinos. Por fim, Cecília e Mônica decidiram que era hora de explorar novos roteiros, começando por uma parceria em alguma cidade que já fosse turística. Pensaram em Lençóis e descobriram a Grãos de Luz e Griô. Cecília desembarcou na cidade em novembro de 2005. Na sede da ONG, explicou seus objetivos e a forma de operar do Projeto Bagagem. Propôs uma viagem de uma semana para que os turistas convivessem com os griôs e com os jovens. Que fizessem a caminhada pela zona rural para conhecer o que é tradição oral, e qual é seu significado na educação pública.

A viagem a Lençóis determinou uma guinada em seu destino. "Passei cinco dias participando das vivências junto com um grupo de jovens da ONG. Em um sábado, fizemos atividades das 8 horas da manhã até às 6 horas da tarde. Algo muito forte. Muitas rodas, danças, exercícios em grupo e expressão de sentimentos sob variadas formas. Acabaram-se os cinco dias e eu já não queria só organizar um roteiro de viagem. Então disse à Líllian que também queria ser educadora em Lençóis e que criássemos uma oficina de turismo

de base comunitária". Nessa oficina de formação, os jovens ajudariam a construir as trilhas, participando de todas as etapas. "Em vez de eu vir até aqui planejar com as comunidades e depois trazer um grupo turistas, teríamos uma ação muito mais abrangente. Juntaríamos a pedagogia griô, de trabalhar a história de vida desses jovens e que busca valorizar a cultura afro-brasileira com a qual o visitante vai ter contato, com a metodologia do Projeto Bagagem de criação de roteiros".

No processo os alunos aprenderiam a se expressar, a falar em público, a escrever textos, a articular e a coordenar a programação do dia com as comunidades. "Seria um trabalho de desenvolvimento profissional na área de turismo e também de desenvolvimento pessoal integrado à pedagogia griô, que trata de identidade, ancestralidade, de valorização das pessoas mais velhas como parte da cultura e da própria vida. Voltei a São Paulo, peguei minhas coisas e vim para cá com a minha família inteira, meu marido e meus filhos".





Aprendizado em oficinas



Aprendizado em oficinas

Quando Cecília Zanotti chegou, fazia tempo que a equipe da Grãos de Luz e Griô havia percebido que os adolescentes sob seus cuidados, se pudessem, não deixariam a cidade para trabalhar. No entanto, em Lençóis as oportunidades eram escassas no campo profissional. "Nossos jovens tinham conteúdo, uma identidade, mas faltavam oportunidades de trabalho aqui. Por isso vínhamos tentando desenvolver o cooperativismo juvenil desde há alguns anos. Então articulamos um projeto de formação de jovens com esse objetivo. Ele foi aprovado pelo Programa Monumenta, que, entre várias ações, financiou a compra de instrumentos musicais e equipamentos para as oficinas. O projeto também recebeu recursos de outras fontes. Entre elas, o Programa Cultura Viva, do MinC, e a ONG Lençóis-Narón, ou LeNa. Narón, é uma cidade da Galícia, Espanha. A LeNa, que deu bolsas de estudo para os alunos do projeto, foi criada exclusivamente para nos ajudar, depois das apresentações de música e outros espetáculos que fizemos em cinco cidades da Galícia, durante um festival internacional", conta Líllian Pacheco.

A formação começou em 2006, com 39 inscritos. De início, o grupo estudou a história e a situação socioeconômica de Lençóis. Depois, os

alunos tiveram cursos, viagens e estágios de acordo com cada uma das cinco oficinas: turismo de base comunitária, artesanato de reutilização e reciclagem, música e dança de tradição oral regional, cultura digital e comunicação, gestão financeira e produção cultural. Os jovens da oficina de turismo logo saíram a campo para andar pelas trilhas do Velho Griô, apresentando-se às associações comunitárias como griôs aprendizes de ofícios e artesanato. Tinham a tarefa, não apenas de levantar dados, mas de aprender com a linguagem da tradição oral para elaborar os roteiros de convivência e cultura, por meio das rodas de conversa, rodas de música e de danças. Em seguida, os futuros guias turísticos definiram com as comunidades as atividades que constam dos roteiros. Na oficina de música e tradição oral, praticaram rituais da pedagogia griô que depois seriam incorporados às trilhas.

Rodrigo Conceição Silva e Henrique Luiz Souza Britto, que já passaram por várias oficinas da Grãos de Luz e Griô, participaram da primeira caminhada realizada pelo grupo de turismo de base comunitária. Eles foram responsáveis pela condução de outros 13 colegas até a comunidade do Remanso, distante cerca de 20 km da sede do município. No Remanso vivem cerca de 40 famílias. Trata-se de descendentes de quilombolas.



Ali as casas têm energia elétrica e água encanada. Também existe uma escolinha para alunos de primeira a quarta séries do ensino fundamental e uma casa de farinha. O grupo viajou até lá de carro, para uma visita de um dia, levando suprimentos. As pessoas da comunidade prepararam os alimentos e lhes serviram os pratos que consomem habitualmente – arroz, feijão, macarrão e peixes apanhados nos arredores. Os habitantes do lugar

vivem da pesca e da terra, vendendo os excedentes na cidade. Os rapazes valorizaram a experiência. Rodrigo, que embora pretenda trabalhar na área de computação gráfica, diz que é fundamental aprender a viver com seus



conterrâneos e aprender sobre a cultura local. Henrique já pensa em fazer faculdade de turismo.

Pronto o roteiro inicial, seguiu-se a produção de materiais de divulgação: folhetos sobre cada comunidade, contendo dados socioeconômicos e culturais, folder, carta de boas-vindas e regras de convivência, que os visitantes recebem numa pasta produzida na oficina de papel reciclado. Depois houve o levantamento de custos, a análise de preços de roteiros turísticos do mercado local, a previsão de lucro e o início da discussão de como usar esse ganho. A partir da definição do preço final, começou a divulgação dos roteiros. Em paralelo, os jovens participaram de rodas de conversas com pessoas ligadas aos temas do curso, com o objetivo de obter informações e articular seu trabalho com outras atividades econômicas. Desses encontros participaram o presidente da Associação de Condutores de Visitantes de Lençóis, o presidente da Associação de Empresários de Turismo e um ex-diretor do Parque Nacional da Chapada Diamantina.

Os estudantes também realizaram pesquisas em bibliografia específica sobre temas relacionados aos roteiros para harmonizar informações científicas e históricas com saberes da tradição oral. Enquanto isso acontecia, os

jovens passaram por um processo de revisão da sua história de vida e de auto-avaliação baseada em seis indicadores: capacidade de liderança e proatividade, capacidade de trabalhar em grupo, alegria e ímpeto vital, comprometimento e responsabilidade, capacidade de expressão oral e escrita, freqüência e pontualidade. As lideranças surgidas da oficina passaram por um processo de aprendizagem para a coordenação das trilhas.

Na oficina de artesanato e papel reciclado, os jovens praticaram rituais semanais de cantoria, dança e histórias de vida. Ao mesmo tempo fizeram vários cursos, dados por artesãos locais e visitantes: pintura em tecido, dobraduras de papel com a técnica do origami, tear em linha, palha e cordão, crochê, pontos de costura a mão, pontos de costura em máquina, linha de produção em papel reciclado com a estética e materiais naturais do local, projeto produtivo de papel reciclado e montagem de exposição. O grupo aprendeu a fixar metas semanais de produção, a atender clientes, a propor novos produtos e a criar as respectivas linhas de produção. E também aprendeu a avaliar a qualidade dos produtos, definir preços e a negociar com os clientes. A turma saiu-se bem no primeiro teste, realizado durante o Festival de Inverno de Lençóis. Na ocasião, assumiu a oficina, montou exposições e atendeu dezenas de pessoas.





A oficina de música e tradição oral inaugurou seus trabalhos com uma capacitação em pedagogia griô. Seguiram-se caminhadas até algumas comunidades rurais. Nas rodas semanais, recordaram danças, músicas e histórias aprendidas com as cantadoras, cantadores, dançarinos, parteiras, foliões, brincantes de tradição oral da região e de outros cantos do Brasil. O ritual facilitou a integração entre a brincadeira, as ciências, a reverência, os pedidos de bênção aos mais velhos e ancestrais, o respeito ao silêncio, o encontro de olhares, a "contação" de histórias míticas, histórias de vida de Dona Rosa, Dona Ana, Dona Bela, Seu Aurino (griôs e mestres de tradição oral), histórias de vida dos próprios jovens, narração de causos, o diálogo, a troca de saberes – todos esses elementos formam a "roda da vida".

A oficina de criação gráfica teve como meta principal desenhar e produzir um catálogo de produtos e serviços, o que exigiu de seus integrantes o aprendizado de fotografia, tratamento de imagens, editoração eletrônica e técnicas de criação gráfica. Como o projeto buscava a autonomia individual e a participação de cada um em todas as oficinas, os jovens aprenderam a elaborar orçamentos, controles financeiros e prestações de contas, temas abordados na oficina de gestão financeira. Os participantes também se integraram às pesquisas, vivências e caminhadas das demais oficinas com o

objetivo de aprender os temas relacionados à cultura, à pedagogia griô e à economia solidária.

Em matéria de economia, os jovens da Grãos de Luz e Griô viviam uma experiência incomum ao final de 2007, etapa em que o aprendizado nas oficinas já havia ficado para trás. O grupo remanescente, formado por 22 deles, continuava a receber uma bolsa mensal da ONG LeNa, conforme contrato de parceria firmado pela entidade espanhola e a congênere lençoense. Ao mesmo tempo, os recursos provenientes da venda dos diversos produtos e serviços oferecidos pelo grupo eram depositados em conta de poupança, alimentando um fundo de reserva, que também assegurava uma retirada mensal aos participantes. O arranjo, embora não constituísse formalmente uma cooperativa, operava a contento, apoiado por uma rede de economia comunitária, composta por parceiros de Lençóis, de outros pontos do Brasil e também do exterior. E os jovens já dispunham de um catálogo de produtos. De acordo com Aline Neves Viana, uma das coordenadoras, "o pessoal de turismo de base comunitária, quando fecha um grupo, faz, por exemplo, dez encomendas aqui para a oficina de retalho e outras tantas para os artesãos que trabalham com papel. São artigos para os turistas levarem como presentes. E a banda faz aulas-espetáculo, cortejos e propõe vivências para a comunidade, cobrando cachê e diárias".





A linha de produtos, desenvolvida com base em motivos da cultura afro-indígena, é determinada por Aline, que trabalha há dez anos na Grãos de Luz e Griô, trazendo boa experiência de casa: "Minha mãe é costureira, muito ligada aos aspectos da cultura local. Tem uma lojinha de artesanato. Com ela aprendi crochê e a fazer coisas com retalhos. Aqui aceitamos encomendas. Todos os hotéis e pousadas da cidade têm encomendado cardápios, comandas, sacos de roupas para lavar, toalhas de mesa, sacos de pão, jogos americanos. Eu crio um produto, e as moças da oficina bordam. São produtos muito diversificados. Colchas de retalhos, tapetes de tiras. Recentemente tivemos encomendas de 600 bolsas para um encontro em Salvador. As quatro deram conta do trabalho em um mês. Às vezes terceirizamos. Outras mulheres fazem o produto e nós aplicamos o logotipo do evento, por exemplo. As moças têm bolsa de 130 reais por mês, e trabalham aqui de terça a sexta, pela manhã. Com o fundo, que vão alimentando, cada uma tem mais 100 reais. O que dá 230 reais por mês. Como o fundo lhes pertence, cabe a elas tomar todas as decisões relativas ao dinheiro, que em geral se alternam entre a compra de terreno, a construção da casa própria ou gastos com a faculdade".

Recém-chegada à maioridade, Manuela Moreira dos Santos, uma das artesãs do grupo, é veterana na Grãos de Luz e Griô, da qual participa há mais de uma década. Ao final de 2007, se declarava pronta para o vestibular, pensando em cursar pedagogia. Mesmo assim não estava muito convicta de que abandonaria o artesanato no futuro: "Sempre gostei de bordar, desse tipo de trabalho. E, por via das dúvidas, já comprei uma máquina de costura...". Sua colega Ivonete de Sousa Santos, que está na mesma faixa etária e que ingressou na ONG praticamente junto com Manuela, não tem dúvidas: pretende continuar no ramo do artesanato, embora admita a possibilidade de tentar fazer algum curso que tenha relação com o ofício. Decoração, por exemplo. Quanto aos produtos, ela afirma que não quer mudar a linha: "Trabalhamos com temas afro-brasileiros e indígenas. Estamos resgatando e mantendo nossa cultura", diz.

Um pouco mais velha que suas companheiras, Janderlice Pereira Rocha, de 23 anos, chegou antes delas à Grãos de Luz, também quando ainda era criança. Embora estivesse pensando em prestar concurso para se tornar agente de saúde, afirmava que pretendia continuar confeccionando produtos de tecidos. "Gosto muito de trabalhar e de estar aqui com o pessoal, onde tenho a ajuda da coordenadora e das colegas. Isso torna o ambiente atraente.


MC
DJ
GRAFFITI

Minha situação seria outra se trabalhasse por minha própria conta. Tocar um empreendimento sozinha acarretaria mais despesas. Aqui recebo a bolsa e parte do fundo. E complemento minha renda como diarista na alta estação, trabalhando em lanchonetes, restaurantes e pousadas".



A coordenadora Aline Viana considera a ação da Grãos de Luz e Griô extremamente importante. "Antes as crianças faziam trabalhos manuais por obrigação curricular. Mas ninguém levava seus próprios trabalhos para colocar em casa. Um panô, por exemplo. Hoje, com a auto-estima elevada, as crianças valorizam esse trabalho. Querem levar logo para casa aquilo que produzem. A ONG também é importante para mim. Aqui fui estimulada a cursar Pedagogia. E a experiência tem sido útil na sala de aula". A exemplo de suas colegas da oficina de tecidos, outros jovens associados reconhecem o papel fundamental que a Grãos de Luz e Griô tem exercido em suas vidas. Suas declarações a respeito são eloqüentes. É o que se verá a seguir.

Paloma Juliana Rosa dos Santos conta que não tinha ligação com a ONG, até que fosse anunciado o projeto das oficinas. Antes estudava e trabalhava em pousada como recepcionista. "Aqui a gente se entrosa mais com o turista. Não há desigualdade. O que fazemos, eles fazem. Só que compete a nós a coordenação da trilha. Em pousada é diferente, somos vistos apenas como serviçais. E as pessoas têm saído daqui surpresas e, muitas vezes, entusiasmadas com a idéia de fazer algo em benefício das comunidades de onde moram. Daqui também só vou levar coisas boas, para o currículo e para a vida pessoal. Aqui aprendemos a trabalhar em grupo e a lidar com as pessoas".

Marilane Freitas de Oliveira participa da Grãos de Luz desde os sete anos de idade. "Quando entro aqui tenho a impressão de que tudo de ruim fica lá para trás. E se estamos tocando e dançando, fico numa alegria danada. Participei de oficinas e finalmente entrei no grupo de turismo. Minha educação foi melhor que a de outras crianças da cidade, porque eu tinha a Grãos para freqüentar à tarde. Vivenciei só coisas boas aqui e não gostaria de sair. Mas como sei que terei de fazer isso mais cedo ou mais tarde, gostaria de ser médica no futuro para atender pessoas e também para ensiná-las o que aprendi aqui".

Maíza Souza Santos reconhece que entrou no projeto por causa da bolsa. "Com o passar do tempo descobri que não era só a bolsa que me mantinha na ONG. Mas também o trabalho que se desenvolve aqui. A experiência tem sido muito relevante para minha vida. Redescobri minhas raízes, fui conhecer a cultura de Lençóis. Hoje sei avaliar a riqueza que existe nas comunidades. Conheço os mestres e descobri a herança deixada pelos garimpeiros, que meu avô e meu pai foram. Minha família freqüenta o jarê, que é uma variante do candomblé. Minha bisavó era índia, foi apanhada no mato por meu bisavô. Essas redescobertas vieram com a valorização de meus antepassados. Sou descendente de negros e índios. Antes eu não

valorizava as ervas medicinais, por exemplo. Nem as festas. E muito menos a tradição oral. Hoje dou muito, mas muito valor mesmo a tudo isso".

Elivaldino Mesquita de Oliveira conta que primeiro fez parte da oficina de turismo de base comunitária, onde aprendeu muito sobre turismo cultural.



Algo muito útil para ele, que trabalha como guia turístico desde a idade de 13 anos. "Hoje estou na oficina de papel reciclado. Na Grãos de Luz e Griô mudei meu jeito de pensar, tenho uma postura mais positiva em relação à vida. Acredito mais em mim e confio mais nos outros. Estou aprendendo a contribuir com a sociedade. Principalmente com minha família, porque hoje ajudo em casa. Aprendo e participo acreditando que a vida vai melhorar".

Eniéle Santos da Silva faz parte da oficina de música, como vocalista da banda. "Desejo poder um dia sobreviver fazendo o que mais gosto: cantar. A integração de todas as oficinas semanalmente funciona como o recebimento de boas energias para o trabalho que será produzido durante a semana. Gosto muito das vivências de biodança. Depois da aula, sinto como se tivesse tomado um banho de cachoeira num dia de muito calor. Além disso, temos as pesquisas na zona rural, feitas com os mestres e griôs. Elas significam uma verdadeira injeção de conhecimento. Me sinto integrada com pessoas de uma forma verdadeira, pois compartilhamos sabedorias vivenciadas juntas. Em tudo que se realiza aqui transparece o resultado do projeto, que é o amor de todos aqueles que conhecem e se reconhecem como integrantes da família Grãos de Luz e Griô. O que de mais importante aprendi foi que, independentemente da cor e da etnia,

somos seres humanos. E que cada pessoa é um grão de areia e somente todos os grãos juntos podem construir um mundo mais justo e digno".





Projet

o Mulheres que Acreditam



Projeto Mulheres que Acreditam

A despeito dos rendimentos cadentes, a garimpagem perdurou na Chapada Diamantina até ser proibida, nos anos 1990. Só então grande número de garimpeiros pendurou as bateias. Não todos, pois o sonho de bamburrar está grudado nessa gente como uma segunda pele. É o que leva os renitentes a procurar diamantes em lavras clandestinas ainda hoje. A proibição das atividades de mineração na Chapada lançou os garimpeiros e suas famílias em crise financeira angustiante. Como se não bastasse a falta de dinheiro, eles também passaram a carregar a fama de destruidores da natureza. Por isso as ONGs Grãos de Luz e Griô e Projeto Bagagem organizaram a "trilha do garimpo". Para mostrar a vida desses trabalhadores sem apresentá-los como heróis ou vítimas, mas como aquilo que de fato são – pessoas do povo. Nessa condição, o percurso da maioria se deu sobre terreno áspero. Mas, como regra geral, pior ainda era a vivência de suas famílias.

Os garimpeiros tinham o costume de se internar na Chapada e ali permanecer por longo tempo. Não raro, as provisões se esgotavam em casa e suas mulheres e filhos ficavam ao deus-dará. Tal situação persistiu por décadas a fio, e desde muito cedo contribuiu para o nascimento de uma bela tradição

de solidariedade entre as mulheres deixadas para trás, com a incumbência de zelar pelas famílias. Sempre que possível, elas se cotizavam para socorrer as mais necessitadas. Compravam alimentos e remédios, dividiam tarefas e cuidavam de crianças alheias. Quando a era dos garimpos se aproximava do fim, a antiga tradição deu origem a duas associações femininas de ajuda mútua em Lençóis: o Clube de Mães, criado nos anos 1980, e a Associação Fraternidade Lumen Gentium (Luz dos Povos), que surgiu em 1999. O Clube de Mães, que mantém creche para crianças pobres, nasceu pelas mãos de Mãe Fifa, famosa parteira, já falecida, que foi apoiada por outras mulheres da comunidade. A Lumen Gentium ganhou consistência graças aos esforços de Lêda Cristina Rebouças, antiga hoteleira de Lençóis, que hoje mora em Salvador.

Dentro da Lumen Gentium há um grupo – o núcleo central da entidade – que se auto-denomina "Mulheres que Acreditam". Elas tinham por hábito se reunir no hotel de Lêda Cristina, ou numa casinha situada na parte mais alta da cidade. Produziam colchas de retalhos à mão. Exercitavam a sociabilidade e perseguiam juntas o sonho de construir um abrigo para idosos na cidade. Para isso se lançaram em campanha permanente de arrecadação de fundos e doações, organizando diversos eventos. Com algum dinheiro em caixa,



iniciaram a construção do abrigo, em terreno doado. Mais adiante o grupo ganhou uma aliada: Cássia Alves de Oliveira, advogada que deixara Salvador em busca de melhor qualidade de vida em Lençóis, no princípio do milênio. Por ter experiência de mais de 20 anos na Secretaria Estadual de Saúde, Cássia terminou ingressando no serviço público municipal. Mas também entrou para a Associação Lumen Gentium, a tempo de coordenar um projeto financiado pelo Programa Monumenta, que também foi batizado de "Mulheres que Acreditam".


SINGER



Tudo começou porque havia certa inquietação no grupo de idosas com relação às jovens da comunidade, principalmente com as que abusavam do consumo de álcool e de drogas, descuidando dos filhos. A situação de Lençóis contribuía para isso. Com a extinção do garimpo, os homens que não deixaram a cidade em busca de trabalho tentaram se ajustar ao movimento turístico. As mulheres, mais uma vez, ficaram para trás. Não tinham nem qualificação e nem experiência para atuar nessa área, pois estavam acostumadas só à rotina doméstica. Em 2005, o Programa Monumenta publicou edital relativo à cooperação técnica e ao financiamento de ações de preservação do patrimônio imaterial. Produzir colchas de retalhos e peças de crochê é tradição secular de Lençóis. A Lumen Gentium

então propôs ao Monumenta a realização de oficinas de crochê, de corte e costura – com enfoque nos retalhos –, e de reciclagem de material descartável. O objetivo era capacitar tecnicamente 60 mulheres nesses trabalhos manuais. Com o artesanato, elas poderiam ganhar dinheiro e repassar os resultados da aprendizagem à comunidade, preservando o patrimônio imaterial lençoense. Outro ganho seria a troca de experiências entre mulheres de gerações diferentes.

"Fizemos uma parceria com o Clube de Mães", conta a coordenadora do projeto, Cássia de Oliveira. As mulheres da Lumen Gentium só dispunham das mãos e de sua capacidade de trabalho. Precisávamos de máquinas de costura que o Clube de Mães tinha. Essa entidade parceira também tinha espaço para as oficinas e loja para a venda dos produtos artesanais". Aprovado o projeto, a Lumen Gentium alugou o que era preciso do Clube de Mães: máquinas, o espaço necessário para as aulas e o ponto de vendas. Realizada a seleção, os cursos começaram em agosto de 2006, com 60 mulheres nas três oficinas (reciclagem, costura e crochê). As mães de crianças da creche Mãe Fifa formavam a maioria. As instalações da creche, que em outros tempos faziam parte de um convento, dispõem de quintal amplo, com árvores, ideal para atividades ao ar livre. E foi aproveitado para

a realização de determinados trabalhos manuais. "Ali as mulheres realmente tinham um ponto de encontro", diz Cássia de Oliveira.

O projeto "Mulheres que Acreditam" se estendeu até fevereiro de 2007. Ao terminar, com 52 das 60 alunas inscritas, deixou saldo amplamente satisfatório, segundo avaliação de Cássia Oliveira. "Essas pessoas tiveram uma experiência fundamental de sociabilidade e de resgate de uma tradição feminina. Adquiriram ou desenvolveram habilidades que poderão utilizar a qualquer momento". Isso ficou demonstrado durante o próprio projeto. "Em dezembro de 2006, um curso para ensinar o preparo de doces e compotas com frutas da região, patrocinado pelo FAT, Fundo de Amparo ao Trabalhador, foi dado aqui pela ONG Instituto Bom Samaritano, de Salvador. Na oportunidade, aproveitamos para cobrir as tampas dos vidros de doces com tecidos bordados pelas artesãs do projeto 'Mulheres que Acreditam'. Quando terminou o curso de doces, as alunas receberam diplomas e houve exposição dos produtos na Câmara Municipal. Lá nossas artesãs puderam ver os vidros com as tampinhas que fizeram, arrumadinhos".

Várias artesãs já estão pondo em prática o que aprenderam. Uma das que mais se destacam é Delma Íris de Oliveira Figueiredo, que utiliza o espaço

de uma sorveteria da família para expor suas peças artesanais. Algumas foram criadas a partir de modelos vistos em revistas de decoração, por exemplo. Delma, de 23 anos, conta que antes da oficina de reciclagem que freqüentou já estava habituada a trabalhar com tricô e crochê. "Para mim o projeto foi ótimo. Aprendi muitas coisas, que cuidei de ensinar às pessoas de minha família, que me ajudam, e também para alguns vizinhos. Eles ajuntam bastante material. Latinhas, garrafas pet, papelão... Minha mãe também aprendeu a fazer uma série de objetos. Eu pretendo continuar com o artesanato. E pretendo cursar uma faculdade, se for possível. De artes plásticas, de preferência".

Perto dali, Cremilda de Jesus Santos, que foi coordenadora pedagógica do "Mulheres que Acreditam", permanece em contato com as sócias da Lumen Gentium, que querem vê-la na presidência da associação. É um sinal de apreço por parte das veteranas, que aprovaram seu desempenho durante o período de realização das oficinas. Muito mais nova que as sócias da Lumen Gentium, Cremilda saiu-se bem graças à experiência acumulada em salas de aula. Ela sabe que as veteranas não se afastaram nem um milímetro de sua rota original – querem prosseguir com a construção do lar para idosos em Lençóis. E algumas delas pensam em se recolher a essa casa

no futuro. Têm razão, diz Cremilda: "O retiro mais próximo para idosos fica na cidade de Seabra. Quem se desloca para lá, por força da necessidade, se obriga a passar seus últimos dias desligado da família e do ambiente em que viveu".





A julgar pela disposição de algumas líderes do grupo "Mulheres que Acreditam", a finalização das obras na casa de repouso será alcançada em breve. Isso porque, a despeito de serem idosas, a história de suas vidas mostra que foram capazes de superar dificuldades bem maiores. E Cremilda, sensibilizada, admite que pretende abraçar a causa: "Com o projeto patrocinado pelo Programa Monumenta, tínhamos recursos para os aluguéis e outras despesas. Agora, se quisermos construir o lar, não poderemos arcar com gastos desse tipo. Pensamos em continuar pedindo doações, organizando festas e fazendo comidas para vender". Entre as que estão dispostas a arregaçar as mangas está Ivanilde dos Santos Matos Roldão: "Temos de acreditar em algumas coisas. Nasci em Lençóis, na mesma casa em que moro hoje, e ali me criei. Depois vivi e trabalhei muito tempo na roça, pois meu pai era garimpeiro. Depois do casamento, tendo filhos, são dez homens, voltei para a cidade. Sou uma das fundadoras do Clube de Mães e depois trabalhei com Lêda Cristina Rebouças para criar a Lumen Gentium".

Cleonice Barbosa de Santana teve uma experiência de vida um pouco diferente. Nasceu e cresceu em Lençóis, mas durante 26 anos morou em Salvador. Retornou com o marido, quando ele se aposentou. Hoje está viúva.

Ela conta que cerca de 15 mulheres formavam o grupo de Lêda Rebouças, no início. "Lêda, como organizadora, lutou muito. Estávamos com ela. Fazíamos tira-gostos, vatapás e outros pratos para vender, e promovíamos serestas, juntando dinheiro para construir o lar. A construção está adiantada, com uma parte coberta, tendo portas e janelas. São oito quartos, cozinha espaçosa e área grande no quintal. Há espaço para crescer mais". Adelice Vieira de Souza é filha de garimpeiro. "Também fui garimpeira. E só não trabalho mais porque não agüento. Mas estou certa de que alcançaremos nosso objetivo. Afinal, nós somos ***as mulheres que acreditam!***" Cremilda de Jesus arremata: "Novas lutas virão, pois o mais difícil não é construir a casa de repouso, mas mantê-la. Pessoas idosas e doentes requerem cuidados. Precisaremos de médicos, enfermeiros etc. Será uma outra etapa. Mas o povo daqui tem tradição de ser solidário".

Investimentos nas Ações Concorrentes do Programa Monumenta em Lençóis

Projeto
Mulheres que Acreditam

Financiador
Programa Monumenta/MinC

Realizador
Associação Fraternidade Lumen Gentium

Objetivo
Capacitar mulheres do município de Lençóis para produção de peças de artesanato de qualidade e de torná-las agentes multiplicadoras de conhecimento.

Atividades
Coordenação do Projeto.
Divulgação, inscrição e seleção de alunas.
Contratação de instrutores.
Aquisição de materiais.
Realização dos cursos *Corte e Costura* (retalhos), *Reciclagem e Crochê*.

Valor

Monumenta	Contrapartida	TOTAL
R$ 35.397,00	R$ 8.852,00	RS$ 44.249,00

Período de execução
Jul 2006 a Jun 2007

Banco Interamericano
de Desenvolvimento

UNESCO

MONUMENTA

IPHAN

Ministério
da Cultura

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL